
Ativismo Político no Mundo da Bola: As Tensões Causadas Pelo Neoliberalismo na Era do Futebol Pós-Moderno¹

Vinícius Lucena de OLIVEIRA²
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este artigo tem por objetivo principal realizar uma análise de como a influência neoliberal, que se manifesta através da consolidação de uma lógica de mercado capitalista e global, tem colaborado para que ocorra o silenciamento de manifestações de ativismo político no universo do futebol. Além disso, analisamos de que maneira as coberturas midiáticas do esporte contribuem, através de enquadramentos, para a intensificação desse fenômeno. Entre as bases desta análise estão as noções foucaultianas de governamentalidade e poder, os conceitos de Cultura da Mídia desenvolvidos pelos pensadores dos Estudos Culturais, além de formulações relacionadas aos estudos do futebol pós-moderno apresentadas pelo sociólogo italiano Richard Giulianotti.

PALAVRAS-CHAVE: esporte; futebol; globalização; mídia; neoliberalismo.

Introdução

No final do século XIX, imigrantes ingleses trouxeram ao Brasil uma prática esportiva que viria a desempenhar um papel fundamental na formação cultural do país. O futebol, anos depois, democratizou-se de modo a penetrar em todos os estratos sociais e tornou-se o esporte mais popular do mundo, estando sua trajetória constantemente atrelada aos processos de transformações das sociedades. Dada a relevância do futebol no contexto sociocultural brasileiro, faz-se necessário um estudo sobre os impactos causados pelas recentes transformações políticas e econômicas sobre o esporte e como, sob esse contexto, o futebol profissional adapta-se a uma lógica de mercado e, consequentemente, exerce alterações nos modos de torcer e na sociedade como um todo. A análise do futebol como uma prática social nos permite observar de forma crítica o caráter identitário de um povo, bem como os elementos culturais que a ele pertencem, e, sobretudo, desenvolver um olhar crítico sobre questões como economia, relações sociais e os conflitos gerados a partir da constante interação entre os povos.

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: vnscslcn@gmail.com

Nesse sentido, este trabalho busca investigar por que os casos de ativismo político têm se tornado cada vez menos comuns no futebol e em que lugares eles estão concentrados. Tal análise é feita por meio de relações entre o esporte e as conjunturas políticas e econômicas que o circundam. Além disso, questionamos a relação entre as coberturas midiáticas de eventos esportivos e a consolidação de uma narrativa que afasta conflitos políticos e, como consequência, tende atuar em conformidade com uma racionalidade neoliberal.

A fim de buscar compreender os motivos pelos quais os casos de ativismo político têm diminuído no universo do futebol, analisaremos um caso notável de silenciamento que se deu por meio do uso de enquadramentos numa transmissão televisiva de um evento esportivo de caráter global e determinações das confederações responsáveis pela organização das competições mais relevantes. Em 2020, a grande projeção conquistada pelo movimento Vidas Negras Importam (*Black Lives Matter*), fez com que algumas das principais ligas europeias cedessem espaço à forte reivindicação de pessoas que se posicionaram a favor dos protestos. Mesmo com a alta adesão do movimento nas redes sociais digitais e nas ruas de alguns países do Ocidente, as manifestações contra o racismo ainda ocuparam um espaço relativamente pequeno no universo do futebol; no Brasil, a retomada da prática do esporte em meio a pandemia da Covid-19 contou com poucas menções ao movimento e com uma tímida adesão dos jogadores, treinadores e de outros atores relevantes no meio. Na última edição da Copa do Mundo masculina, por exemplo, a FIFA (entidade de caráter global que é responsável pela gestão do futebol e pela organização do maior torneio entre seleções do mundo) proibiu qualquer espécie de manifestação política – seja por parte dos atletas ou do público presente nos estádios³. Tal mecanismo de controle também foi utilizado pela FIFA em outros campeonatos por ela organizados e por outras federações ao redor do mundo. Essa determinação e suas consequências marcaram a edição de 2018 da Copa, realizada na Rússia, país presidido por Vladimir Putin. Na partida final do torneio (assistida por 3,5 bilhões de pessoas⁴), manifestantes anti-Putin invadiram o campo de jogo enquanto as seleções da França e da Croácia disputavam o título. Nessa ocasião, a

³ “The display of political, religious or personal messages or slogans in any language or form by players and officials on their playing or team kits, equipment (including kit bags, beverage containers, medical bags, etc.) or body is prohibited”, diz trecho da resolução da FIFA que restringe as manifestações políticas na Copa do Mundo. Disponível em <<https://bit.ly/33HItoB>>. Último acesso em: 13 set. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/34x8wxN>>. Último acesso em: 13 set. 2020.

empresa responsável pela geração de imagens tentou, através de enquadramentos de câmera e inserção de *replays*, minimizar a situação, de modo que parte da ação foi suprimida na transmissão oficial. Esse acontecimento será um dos objetos de análise neste estudo.

Para sustentar os argumentos apresentados nesta pesquisa, utilizaremos os conceitos de futebol tradicional (fim do século XIX e início do século XX, marcado pelo amadorismo); moderno (com a profissionalização dos atletas e dos clubes, difusão do esporte pelo mundo) e pós-moderno (o futebol marcado pela globalização e pelos contratos milionários firmados entre patrocinadores, clubes e veículos de mídia) propostos por Richard Giulianotti (2002) no livro *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*.

Na primeira parte deste trabalho, examinaremos a situação do futebol pós-moderno, analisando os impactos causados pela razão neoliberal no esporte e como os grandes clubes sul-americanos adaptaram-se tardiamente a esse processo. Posteriormente será introduzida a discussão acerca dos clubes que ficam à margem da lógica mercantil. Nessa sessão, será introduzida a hipótese de que os casos de ativismo político no futebol contemporâneo se concentram nos ambientes periféricos, mais distantes da influência do capitalismo. Por fim, faremos um estudo de casos de manifestações silenciadas no ambiente futebolístico e de como essa tentativa de esvaziamento do caráter político presente no futebol colabora com a perpetuação da lógica atual de negócios, caracterizando-se também como um discurso carregado de conotações políticas. Para isso, serão utilizadas ideias foucaultianas relacionadas à governamentalidade e às relações de poder, bem como conceitos de teóricos dos Estudos Culturais, que analisam as relações entre a mídia e os princípios organizacionais da economia e da política.

O futebol pós-moderno e as mudanças tardias no futebol latino-americano

Uma das principais características do futebol em sua pós-modernidade é o processo de desterritorialização dos grandes clubes europeus. De acordo com Richard Giulianotti e Roland Roberston (2004), a desterritorialização consiste em uma expansão da marca para mercados internacionais sem abdicar dos traços que os relacionam ao local de origem:

Uma análise do caráter ‘glocal’ das TNC’s explica a condição atual dos maiores clubes de futebol. Todos os clubes são ‘etnocêntricos’ (Perlmutter): eles se atêm a elementos simbólicos que remetem ao local (Smith, Wilkins), são esses elementos o nome, as sedes, o estádio, as cores e as torcidas locais. No entanto, ao passo que clubes como o Manchester United exploram novos mercados, como na Ásia e na América do Norte, surgem novas possibilidades de marketing ‘policêntricas’ (GIULIANOTTI; ROBERTSON, 2004, p.522, tradução nossa).⁵

Entretanto, a adoção tardia do modelo TNC⁶ por parte de clubes sul-americanos evidencia as diferenças nas gestões dos clubes. Enquanto a primeira década do século XXI representou a consolidação dos aspectos mercadológicos que circundam o futebol pós-moderno, a maioria dos clubes latino-americanos continuava com características fortemente relacionadas à esfera local. Até o fim dos anos 2000, as particularidades sobrepunham-se aos aspectos globais do futebol, salvo algumas exceções⁷. Segundo Proni (1998), a discrepância entre o futebol-empresa europeu e o brasileiro, com fortes traços que remetem ao amadorismo, iniciou-se ainda no final dos anos setenta. Sobre o processo tardio de modernização do futebol brasileiro, Proni afirma que

Enquanto os clubes brasileiros continuavam a ser administrados passionalmente e a depender de receitas oscilantes, enquanto imperava a desorganização nas federações, com alterações frequentes de datas e horários de jogos, em alguns países da Europa o futebol já era mais bem planejado e melhor administrado, com várias equipes testando novas estratégias de marketing e implementando métodos modernos de gestão esportiva, como fontes de receitas mais permanentes e campeonatos mais lucrativos (PRONI, 1998, p. 205).

Para explicar a persistência do modelo de gestão, podemos estabelecer uma relação com o processo de formação da sociedade brasileira moderna. Em suas análises, Florestan Fernandes (2006) defende a tese de que, mesmo com a modernização

⁵ “A global realist understanding of the glocality of TNCs helps explain the contemporary condition of football’s largest clubs. All clubs are ‘ethnocentric’ (Perlmutter): they retain key symbolic ties to ‘home’ (Smith, Wilkins), notably through name, headquarters, home stadium, branding, strip colour, and local support. However, as clubs like Manchester United establish marketing outlets in Asia and North America, more ‘polycentric’ marketing possibilities arise” (GIULIANOTTI; ROBERTSON, p. 522).

⁶Giulianotti e Robertson (2004) utilizam-se do termo TNC (Transnational corporations) para designar os clubes que, com a globalização, adotaram uma gestão de caráter corporativista e transnacional.

⁷As Copas do Mundo, por exemplo, são eventos globais, com grandes contratos publicitários e de transmissão. Além disso, as transferências envolvendo atletas sul-americanos e clubes europeus se tornaram mais frequentes, algo que possibilitou a expansão dos clubes globais para novos mercados, dada identificação das comunidades locais com a figura do atleta.

impulsionada pelos processos de urbanização e industrialização, o Brasil manteve suas estruturas de poder remanescentes do período escravagista, de modo que, apesar da modernização tardia, as desigualdades foram preservadas. Dessa forma, o processo de modernização do futebol assemelha-se, em certos pontos, ao desenvolvimento tardio da sociedade brasileira, um movimento de cima para baixo. No caso do futebol, esse modelo foi adotado, a princípio, pelas federações, que impuseram regras a fim de reproduzir padrões europeus, de modo a ignorar um modelo que considerasse as particularidades do esporte e do público brasileiro.

A resistência à mercantilização no futebol sul-americano, no entanto, perdeu espaço ao mesmo tempo que o caráter global do futebol ganhou força. Tal movimento coincide com a ascensão do sistema neoliberal, que na visão de Pierre Dardot e Christian Laval, “não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (DARDOT; LAVAL, 206, p. 17). O entendimento do neoliberalismo como um sistema normativo, permite-nos discutir as relações estabelecidas no futebol considerando-o como uma das esferas afetadas pela influência de tal sistema. A penetração de empresas multinacionais, os contratos milionários firmados entre os clubes e as redes de televisão e a tendência de transformação dos clubes em empresas são algumas das manifestações mais fortes da influência neoliberal no esporte e também podem ser considerados como alguns dos motivos que forçaram uma reestruturação dos elementos circunscritos no futebol. Além dos fatores supracitados, a modernização dos estádios e, conseqüentemente, a elevação no preço médio dos ingressos, fez com que o torcedor pertencente a classes sociais menos favorecidas deixasse de frequentar o estádio, dando lugar a torcedores que possuem um novo perfil, que assemelha-se, inclusive, ao do torcedor europeu. Os novos frequentadores das recém-construídas arenas passaram a ser tratados pelos clubes como consumidores. O novo público tem maior potencial de consumo, de modo que os clubes, naturalmente, obtêm mais rendimentos com a venda de produtos licenciados, as assinaturas de pacotes de *pay-per-view* e, primordialmente, com os ingressos.

No Brasil, um exemplo notável é a Sociedade Esportiva Palmeiras. Após a construção de uma nova arena e da concretização do maior contrato de patrocínio do

Brasil, assinado em 2018, o Palmeiras passou por uma reformulação que foi traduzida em altas médias de público e em sucesso nas competições disputadas. Entretanto, as contradições que envolvem a adoção de um modelo exclusivamente mercadológico são constantemente questionadas por torcedores que se atêm às particularidades evocadas pelo clube, que, de certo modo, foram parcialmente dissolvidas com a imersão no mercado. Com o ingresso mais caro entre os clubes brasileiros em 2018, o Palmeiras afastou inúmeros torcedores que costumavam frequentar o antigo Palestra Itália, estádio onde o clube mandava os jogos até 2010.

Para Giulianotti (2002), a identificação do torcedor com determinado clube passa pelas questões relacionadas à localidade. A partir do momento em que um clube se torna global, são criadas tensões entre o torcedor que se via representado pelo sentimento local que o clube evocava e o torcedor global. Ao longo desse processo, os adeptos que sentiam-se representados pelos aspectos locais — por vezes demonstrando um engajamento em causas que concernem à comunidade local — dão lugar a torcedores que tendem a desenvolver uma identificação com o clube por questões midiáticas ou comerciais. Há, portanto, uma “dissolução dos vínculos sociais e políticos locais entre o clube e a comunidade” (GIULIANOTTI, 2002, p. 55), de modo que o envolvimento político dos atletas e dos próprios torcedores é diretamente afetado pelo estabelecimento dessa nova lógica.

Ao fazer uma análise dos impactos da influência do capital como sistema econômico, o geógrafo David Harvey alerta que a desigualdade é uma das bases que o sustenta, afirmando categoricamente que “igualdade distributiva e capital são incompatíveis” (HARVEY, 2016, p. 163) e que “para se sustentar, o capital tem aprofundado a pobreza e as desigualdades de renda” (HARVEY, 2016, p. 163). As disparidades em questão implicam na marginalização dos indivíduos imersos em uma sociedade que obedece a princípios neoliberais. No futebol, essas desigualdades são perceptíveis quando analisamos as mudanças no público dos principais clubes do futebol brasileiro. É comum o relato de torcedores que costumavam frequentar os estádios e deixaram de comparecer às partidas devido aos altos preços dos ingressos. Além disso, a discrepância entre os clubes de maior expressão e os marginalizados cresce vertiginosamente, de modo que os clubes locais, assim definidos devido ao distanciamento da lógica de mercado, sofrem com as consequências negativas do

modelo de gestão neoliberal adotado pelos clubes e fomentado pelas corporações que estão imersas no mundo do esporte. Em uma previsão pessimista, Giulianotti (2002, p. 126) afirma que “a base do torcedor de pequenos clubes será irrevogavelmente corroída. Os clubes da segunda ou da terceira divisão desaparecerão da mesma maneira que o dialeto ou o sotaque da localidade”.

Clubes marginalizados⁸ e os espaços para ativismo

As crescentes disparidades entre os clubes de maior expressão e os clubes de menor porte ficam evidenciadas no futebol brasileiro quando são analisados os rendimentos obtidos pelos clubes através de vendas de jogadores, contratos de patrocínio e de televisão, ingressos e vendas de produtos licenciados. Se analisarmos somente as cotas de TV, concluímos que o modelo atual de distribuição faz com que essas desigualdades sejam acentuadas. No ano de 2017, o Sport Club Corinthians Paulista (campeão brasileiro da temporada), por exemplo recebeu cerca de 170 milhões de reais em cotas, enquanto o Atlético Clube Goianiense (que acabou o campeonato brasileiro na última posição) obteve apenas 23; uma diferença de 147 milhões de reais⁹.

Portanto, é evidente que o modelo neoliberal que tomou o futebol nas últimas décadas vem produzindo um abismo entre os clubes mais ricos e os de menor expressão. Entretanto, são nos clubes marginalizados que os casos de ativismo político são mais frequentes. No prefácio do livro *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*, Franklin Foer (2005) alerta para a conservação de contradições geradas a partir de perspectivas regionais em lugares nos quais a influência da lógica neoliberal manteve-se, de certo modo, mais afastada:

Pela lógica tanto de seus críticos quanto de seus proponentes, a cultura global deveria ter varrido do mapa essas instituições locais. Com efeito, viajando pelo mundo, é difícil deixar de se assombrar com o poder de megamarcas como o Manchester United e o Real Madrid, patrocinados pela Nike e pela Adidas, que cultivam seu apoio através dos continentes, afastando torcedores de seus antigos clubes. Mas essa homogeneização revelou-se mais exceção que regra. Perambulando entre torcedores lunáticos, dirigentes sem escrúpulos e artilheiros

⁸ Decidimos denominá-los dessa forma pois o conceito de clube grande ou pequeno é relativo. Há inúmeros casos de clubes tradicionais que ficaram à margem no futebol pós-moderno.

⁹ Os dados são referentes aos valores pagos pela Globo de em troca dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol no ano de 2017. Disponível em <<https://bit.ly/2Sxw0Nw>>; último acesso em: 10 set. 2020.

búlgaros ensandecidos, observei as formas como a globalização havia fracassado em reduzir as culturas futebolísticas regionais, as disputas sangrentas e mesmo a corrupção no plano local (FOER, 2005, p. 10).

O caso mais notável vem de fora do Brasil. O FC St. Pauli, clube alemão sediado na cidade de Hamburgo, é o maior exemplo de engajamento político em um clube de futebol nos últimos tempos. O clube, que atualmente disputa a Bundesliga 2 (segunda divisão do Campeonato Alemão de Futebol), é constantemente associado a causas progressistas que, normalmente, são ignoradas por clubes que estão imersos em um modelo exclusivamente mercadológico. A luta contra a homofobia, o racismo e as políticas de inclusão tomadas em relação aos imigrantes são adotadas pelos dirigentes do clube e reproduzidas pelos torcedores, que veem no Hamburgo SV, rival local do St Pauli, uma antítese da resistência que o clube representa.

Por demonstrar engajamento em pautas sociais, o St. Pauli tornou-se um ícone da contracultura na esfera do futebol. Apesar de reconhecido internacionalmente, o clube ainda mantém, de certo modo, uma relativa distância da lógica de mercado responsável pela construção de uma dinâmica que caracteriza o futebol pós-moderno. Esse afastamento é resultado de um forte apelo aos aspectos locais, já que o clube não é tão popular quanto outros da cidade, como o Hamburgo.

Nos últimos anos, o Esporte Clube Bahia também tem dado uma atenção especial a políticas afirmativas. Desde 2018, o clube de Salvador possui um Núcleo de Ações Afirmativas, responsável por discutir e desenvolver campanhas contra o racismo, LGBTQI+fobia, violências contra a mulher, entre outras ações efetivas. Apesar de ter figurado, nas últimas temporadas, entre os vinte clubes que disputam a primeira divisão nacional, as receitas do Bahia ainda são consideravelmente menores do que as dos clubes mais ricos das regiões Sul e Sudeste do país. Em 2019, o clube baiano contou com uma receita total de 182 milhões de reais, a 14ª maior receita entre os clubes da primeira divisão. O valor, no entanto, corresponde a 21% do faturamento total do Clube de Regatas Flamengo, time com os maiores rendimentos entre os clubes do país em 2019, e a 32% da receita total do Palmeiras, segundo lugar no ranking no mesmo ano. Em entrevista concedida ao Jornal do Comércio de Porto Alegre (RS) em 2019, Nelson Barros Neto, então gerente de Comunicação do clube, afirmou que “o fato de estar na Bahia, no Nordeste, lugares que hoje em dia viraram a resistência em termos políticos no Brasil, ajuda [na elaboração das ações afirmativas]”. As mais efetivas ações de

afirmação do futebol brasileiro na atualidade surgiram, portanto, pela iniciativa de um clube baseado fora do eixo Sul/Sudeste, que concentra as 13 maiores receitas entre os clubes da Série A.

Os clubes que se situam fora do eixo também servem como lugar onde são desenvolvidas manifestações políticas organizadas. Em 2005, por exemplo, um grupo de torcedores do Ferroviário Atlético Clube, que atualmente disputa a terceira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, fundou a primeira torcida de caráter antifascista do Brasil. Reconhecida internacionalmente, a Ultras Resistência Coral luta por causas progressistas e, assim como clube, origina-se da causa operária. A criação da torcida do clube cearense — inspirada pela atuação de grupos europeus como os Bukaneros e a Brigade Autonome Livornesi, torcidas do Rayo Vallecano (da Espanha) e do Livorno (da Itália), respectivamente — desencadeou uma onda de organizações antifascistas entre as torcidas de futebol no Brasil.

O discurso apolítico e o papel da mídia e das federações na consolidação do neoliberalismo no futebol

A partir dos anos 1990, o futebol passou a ser fortemente trabalhado como produto globalizado mídia. A integração do esporte à lógica da *media culture* fez com que os clubes, bem como os atletas mais conhecidos e as competições internacionais, passassem a ser elementos de uma cultura de mercado globalmente difundida. O processo de globalização do futebol motivou uma maior atuação do mercado de bens de consumo ligados a imagens que se tornaram internacionalmente reconhecidas e, evidentemente, do marketing esportivo, colaborando com a consolidação de uma indústria do futebol.

Nesse cenário, os veículos de mídia desempenham um papel central. As transmissões dos eventos futebolísticos envolvem contratos estabelecidos entre as federações, clubes, marcas e atletas. A influência da televisão, que até hoje se mantém como principal meio de transmissão simultânea de torneios esportivos, é notável em aspectos como a escolha dos horários nos quais as partidas devem ser disputadas. Em relação à influência da mídia no esporte, Ana Márcia de Souza (1991, p. 95) afirma que “a televisão, ao mesmo tempo em que materializa o esporte, o reproduz onde, quando e

quantas vezes quiser, dita alterações no interior do esporte para melhor adequá-lo aos seus objetivos”.

Por isso, é importante destacar o papel dos meios de comunicação — em especial da TV — na construção de narrativas. Por meio de enquadramentos, as transmissões de futebol na televisão colaboram para que os patrocinadores ganhem visibilidade e as manifestações políticas que, por vezes, acontecem nas arquibancadas sejam omitidas. Giulianotti (2002), utilizando-se de conceitos introduzidos pelo sociólogo canadense Richard Gruneau, alerta para a ausência de neutralidade nas coberturas midiáticas e afirma que a televisão “constrói uma experiência de visão diferente da que se tem nas arquibancadas, da qual um aspecto pode significar a recusa da cobertura de acontecimentos altamente controversos ou ‘desviantes’ que ocorrem no gramado” (GRUNEAU, 1988, p. 274 apud GIULIANOTTI, 2002, p. 113).

Na final da Copa do Mundo masculina de 2018, disputada entre as seleções da França e da Croácia, membros do grupo de punk rock russo *Pussy Riot* invadiram o gramado do Estádio Luzhniki, em Moscou. O grupo, conhecido internacionalmente por realizar performances artísticas de cunho pró-LGBT, feministas e de forte oposição ao chefe de estado Vladimir Putin, já havia repercutido internacionalmente quando, no ano de 2012, três integrantes foram presas após uma apresentação em uma igreja ortodoxa. Na época, o caso mobilizou ativistas e instituições como a Anistia Internacional, que se posicionou publicamente em defesa das manifestantes.

Aos 6 minutos do segundo tempo, quatro manifestantes saíram das arquibancadas e protagonizaram uma cena que interrompeu a partida durante um minuto. No entanto, as imagens, geradas pela FIFA, tentaram ocultar a ação do grupo, de modo que as câmeras mostraram os invasores por um intervalo de aproximadamente 15 segundos. Posteriormente, o *Pussy Riot* reivindicou a ação e a justificou por meio de uma postagem nas redes sociais. De acordo com o grupo, o ato tinha como objetivo chamar a atenção para casos de violação dos direitos humanos na Rússia. A postura crítica ao governo Putin é claramente incompatível com a proposta da Federação e da rede responsável pela transmissão, visto que, ao longo da realização do evento, Putin, assim como outros chefes de estado, eram constantemente enquadrados durante as partidas, de modo a transmitir um sentimento de diplomacia e estabilidade ilusória.

Imagem 1: Os manifestantes aparecem na transmissão aos 6:49.



Imagem 2: Aos 6:52 a transmissão enquadra o árbitro para esconder os manifestantes, mas não consegue.



Imagem 3: Nove segundos depois, aos 7:01, a câmera deixa de enquadrar os manifestantes.



Imagem 4: Ainda com os invasores em campo, a transmissão exhibe, aos 7:14, um *replay*.



Imagem 5: No final da transmissão, Putin aparece junto a Emmanuel Macron (presidente da França) e Kolinda Grabar-Kitarović (presidente da Croácia) na cerimônia de premiação. A transmissão da final da Copa do Mundo dá um lugar de destaque ao presidente da Rússia, alvo de protestos durante a partida.



As transmissões, portanto, caracterizam-se como construções nas quais as emissoras reproduzem apenas aquilo que as convêm. Manifestações políticas, quando não são reprimidas pelas forças policiais, costumam ser ignoradas nas coberturas de grandes eventos esportivos. O silenciamento dessas manifestações está diretamente

relacionado a uma ideia propagada pela própria mídia, a tentativa de afastamento dos discursos marcados por ativismos do ambiente esportivo.

Ao discorrer sobre as relações discursivas de poder, Foucault (2019) defende que elas se sustentam ao "formar, organizar, e pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são construções ideológicas" (FOUCAULT, 2019, p. 289). O pensador pós-estruturalista argumenta que o poder não deve ser entendido como algo homogêneo, tampouco como um fenômeno de dominação estático que um determinado grupo exerce sobre outro, mas como algo que funciona em cadeia, de modo que "o poder se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão" (FOUCAULT, 2019, p. 284). Nesse sentido, podemos compreender os conglomerados de mídia e, no âmbito do futebol pós-moderno, as federações, ligas e organizações como articuladores de uma produção de poder que compõe uma espécie de cadeia responsável pela sustentação da governamentalidade neoliberal.

Entender os veículos de mídia como atores fundamentais para o exercício da governamentalidade nos permite analisar nuances de práticas guiadas pela racionalidade neoliberal nas transmissões esportivas realizadas pela mídia hegemônica. Foucault (2003) define a governamentalidade como

o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises, reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, bem complexa, de poder, que tem como alvo principal a população, como forma mais importante de saber, a economia política, como instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2003, p. 303).

Na ótica foucaultiana, a ideia de governo está relacionada a formas de agir que incidem sobre o comportamento dos indivíduos, de modo a afetar a maneira como as pessoas conduzem aos outros e a si mesmos. Para que um sistema neoliberal se sustente, as subjetividades e a autonomia dos indivíduos são exploradas em detrimento do coletivismo; tal premissa implica no afastamento de discursos engajados relacionados a temas de interesse comunitário. Na introdução de *A nova razão do mundo*, Laval e Dardot (2016) discorrem sobre os mecanismos que instauram e sustentam os princípios liberais na sociedade contemporânea:

O sistema neoliberal é instaurado por forças e poderes que se apoiam uns nos outros em nível nacional e internacional. Oligarquias burocráticas e políticas, multinacionais, atores financeiros e grandes organismos econômicos internacionais formam uma coalizão de poderes concretos que exercem certa função política em escala mundial (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7).

Entre os grandes organismos mencionados pela dupla de pensadores franceses, podemos situar os conglomerados de mídia. Ao fazer uma análise da mídia no âmbito dos Estudos Culturais, o filósofo jamaicano Stuart Hall (1997) situa a mídia como um pilar fundamental nos processos de trocas culturais no mundo globalizado. Para Hall, “A mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria-prima e marketing de produtos e ideias” (HALL, 1997, p. 17). Douglas Kellner (2006), também dos Estudos Culturais, aborda a relação entre a mídia e os espetáculos argumentando que, com o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e de plataformas multimídia, “o espetáculo em si tornou-se um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana” (KELLNER, 2006, p. 119) e que, com essa organização, “os conflitos sociais e políticos são crescentemente afastados das telas” (KELLNER, 2006, p. 119). No texto *Cultura da Mídia e Triunfo do Espetáculo*, Kellner cita os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo como exemplos de coberturas midiáticas nas quais os valores dominantes são celebrados e os ideais que se baseiam na competição e na vitória, princípios diretamente relacionados à racionalidade neoliberal, são reforçados.

Tais ideias nos permitem afirmar que a mídia hegemônica, assim como as federações e órgãos responsáveis pela organização de competições esportivas, cumpre um papel fundamental no sistema neoliberal, de modo a garantir a manutenção de uma ordem social regulada pelos princípios do livre mercado e da empresarização do indivíduo, por meio de enquadramentos e, no caso das entidades, da elaboração de aparatos restritivos que cerceiam o discurso político no esporte, como as restrições impostas pela FIFA, citadas anteriormente neste artigo.

Considerações Finais

Com base nas análises apresentadas neste trabalho, podemos considerar que o

futebol pós-moderno, com suas coberturas midiáticas globalizadas e com as determinações impostas por ligas, federações e organizações responsáveis pela estruturação do esporte, é um dos diversos campos nos quais a racionalidade neoliberal — que incide sobre os indivíduos e sobre as mais diversas camadas da sociedade de modo a incorporar e consolidar princípios como o individualismo e a priorização da lógica empresarial — exerce sua influência.

Além disso, concluímos que as manifestações de ativismo político que se fazem presentes em tempos em que o esporte se mostra como produto cultural tendem a estabelecer um diálogo com as localidades, de modo que costumam acontecer em espaços propícios, nos quais a influência da lógica de mercado neoliberal é, relativamente, mais branda. Em casos como o da final da Copa do Mundo, os atos desafiam os roteiros pré-estabelecidos pelas confederações, pelos patrocinadores e pelos veículos de mídia responsáveis pela transmissão dos eventos — que, por vezes, utilizam-se de enquadramentos que colaboram com o encobrimento dessas situações. No caso da intervenção orquestrada pelo grupo *Pussy Riot*, o protesto enfrentou, ainda, os cerceamentos impostos por questões políticas locais. Na ocasião o grupo, através da invasão de campo, causou, durante dois minutos, um desequilíbrio que afetou a construção de uma imagem de diplomacia e estabilidade política na Rússia de Putin, explorada ao longo da competição.

Se analisarmos o poder sob a ótica de Foucault (2019), podemos entender que tais relações de poder não são estáticas, tampouco homogêneas, uma vez que o poder “não é algo que possa se dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e são submetidos” (FOUCAULT, 2019, p. 284). Portanto, assim como os atores supracitados utilizam-se dos espaços fornecidos pelo futebol como espetáculo global para a articulação de noções normalizantes no campo do esporte e, conseqüentemente, nas subjetividades do indivíduo, tais espaços ainda podem ser permeados com manifestações que desafiam a lógica vigente.

Para além da discussão desenvolvida neste trabalho, faz-se necessário um estudo mais completo, que contemple as manifestações de ativistas no universo futebolístico e a forma como elas ocorrem em diferentes níveis, estando elas em ambientes propícios, ou não, a acontecerem. Com as recentes discussões acerca da Medida Provisória 984 (conhecida popularmente como Lei do Mandante), que pode dar

aos clubes mandantes o direito de negociar a transmissão dos jogos de maneira individual, novas formas de cobertura dos eventos futebolísticos podem surgir; no entanto, é provável que, mesmo com a mudança de atores financeiros, a razão neoliberal continue exercendo sua influência sobre o futebol. Ademais, espera-se que o presente estudo colabore, de certa forma, para a corroboração da importância de se estudar as peculiaridades que permeiam a prática esportiva na contemporaneidade. É preciso que passemos a enxergar os esportes como espaços passíveis de manifestações, pois só é possível construir uma sociedade justa e igualitária se as estruturas que sustentam o sistema forem questionadas e alteradas.

Referências bibliográficas

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5. ed. São Paulo: Editora Globo, 2006.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: Um olhar inesperado sobre a globalização. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____, **Microfísica do poder**. 9. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. **The globalization of football**: a study in the globalization of the 'serious life'. 2004.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia e o Triunfo do Espetáculo. In: MORAES, Denis (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. P. 119-147

SOUZA, Ana Márcia de. **Esporte espetáculo**: A Mercadorização do Movimento Corporal Humano. 1991. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/3jP700e>. Acesso em: 12 set. 2020.